

# ARTIGOS

## CONSIDERAÇÕES GERAIS SÔBRE OS FENÍCIOS.

Para examinar a rápida e curiosa expansão dos fenícios, devemos, antes do mais, traçar ligeiro esboço sôbre a origem dos povos semitas, fundamentando-o em modernos trabalhos históricos, que, sem dúvida, oferecem preciosos dados.

Segundo o conceito de Hrozný (1), talvez devêssemos procurar a pátria de origem dêsses povos em alguma região vizinha do Turquestão. Daí, parece, se deslocaram para a Transcaucásia asiática, de onde partiram para invadir as terras baixas da Mesopotâmia.

O seu **habitat** original foi, provàvelmente, muito próximo do **habitat** dos chamados indo-europeus, porque existe parentesco, de certo modo comprovado, entre as línguas hamito-semitas e as "arianas".

Os semitas, ao emigrarem, estavam divididos em hordas ou tribos, as quais, pouco a pouco, foram modificando sua linguagem primitiva, até transformá-la em simples dialetos, ou idiomas diferentes. Êste fato resultou, naturalmente, da influência das línguas estranhas, usadas pelos povos que com êles conviveram, mesmo porque as hordas semitas, ao se deslocarem, não o fizeram na mesma ocasião.

Do ponto de vista antropológico, os semitas parecem aparentados com os primitivos habitantes da bacia oriental do Mediterrâneo. O que havia no Mediterrâneo, antes das emigrações dos hamitas, semitas e indo-europeus, eram povos de raça branca, de nível cultural ainda rudimentar, pertencendo provàvelmente a etnias diversas. Embora quase não tenha sido possível estudá-los, dada a obscuridade das circunstâncias, devemos considerá-los também de origem asiática, sem poder vislumbrar, todavia, a época de suas migrações, algumas quiçá muito remotas. De qualquer modo, não diremos que pertenciam à **raça mediterrânea**, porque consideramos essa expressão duplamente viciosa.

Algumas tribos semitas, como, por exemplo, a dos hebreus, a dos assírios e, até certo ponto, a dos arameus, realizaram profundos cruzamentos com povos braquicéfalos, de origem subáreo-hurrita, que se caracterizavam pelo nariz muito proemi-

(1). — Bedrich Hrozný, *Histoire de l'Asie Antérieure*, Paris, 1947.

nente, resultando dêsse cruzamento, no caso dos hebreus, o atual tipo judaico, o qual, na realidade, não corresponde ao verdadeiro tipo semita.

O tipo semita puro, hoje quase inexistente, deve ser procurado, de preferência, entre os antigos acadianos e babilônios, ou entre os árabes modernos, mas ainda assim o resultado seria duvidoso, porque os primeiros muito cedo se misturaram com os sumerianos, e os árabes, por seu turno, com os diversos povos convertidos ao islamismo. Originariamente, na opinião de Hrozný, o verdadeiro tipo semita não devia ser muito diverso do tipo clássico indo-europeu.

A designação genérica, que hoje se dá a êste grupo de povos — **semitas** — só se divulgou em fins do século XVIII, mas, embora muito cômoda, é óbvio que não possui nenhum fundamento histórico, nem há etnólogo que assim os designem por serem descendentes de Sem, filho de Noé.

Como devemos classificá-los? Històricamente, a tribo que se distinguiu em primeiro lugar foi a dos babilônios, vale dizer, os habitantes de Quiche e Acade, parte da qual, talvez a mais adiantada, parece ter emigrado para o Egito, onde desempenhou, desde logo, notável influência na língua e no início da verdadeira civilização nilótica. A. Moret e G. Davy (2) não aceitam, entretanto, esta hipótese, pois julgam que há impossibilidade cronológica para a mesma, sendo a civilização egípcia muito anterior ao aparecimento dos semitas na Mesopotâmia.

Os assírios constituíram um ramo dos acadianos, apenas muito mais atrasado, impuro, e com dialeto próprio.

Entre as outras tribos estão os chamados árabes do sul, os quais, partindo da Síria, atingiram o Iemen, ou Arábia-Feliz.

Os grupos até agora indicados constituem o ramo dos semitas orientais, sendo de notar que os árabes do sul, do ponto de vista dialetal, se dividiram em sabeanos, mineanos e etíopes. Êstes últimos emigraram da Arábia para a África.

Outro ramo é formado pelos amorreanos, ou cananeus, e pelos arameus e sírios, grupo êste dito dos semitas ocidentais.

No grupo dos cananeus do país de Amurru — país do oeste — que designava a Síria e a Palestina atuais, estão compreendidos os hebreus, os moabitas, os ugaritas e os fenícios.

A Síria e a Palestina, como se sabe, são formadas por uma faixa de terra, relativamente estreita, situada entre o mar e o grande deserto sírio-arábico, espécie de Saara da Asia-Menor. Nesta faixa litorânea, existiam, como ainda hoje exis-

---

(2). — A. Moret e G. Davy, *Des Clans aux Empires*, Paris, 1923.

tem, algumas regiões muito amenas e férteis, isoladas por zonas áridas e inaproveitáveis.

Vem a propósito recordar, de passagem, uma curiosa hipótese de Hrozný sobre a origem das palavras Europa e Asia. Diz êle que **amurru**, no idioma dos babilônios, significa **país onde o sol se esconde**, mas que êles usavam duas outras expressões para designar pontos cardiais: **erêbu**, com o sentido de tombar, ou talvez entrar, sumir; e **assû**, que equívale a sair, nascer.

E' possível que não lhe falte razão.

\*

Não tencionamos fazer o estudo completo da história dos fenícios. Deter-nos-emos ao assinalar a tomada de Tiro por Nabucodorozor, em 573 a. C. Daí por diante, Cartago impõe a sua hegemonia e modifica profundamente a orientação política até então seguida pelos fundadores.

Os livros didáticos, em sua grande maioria, só fazem referências fragmentárias a êste extraordinário povo, sem cogitar das origens e de seu progressivo desenvolvimento. A realidade, porém, é que os fenícios tiveram papel notável na civilização ocidental, fato que, a nosso ver, sempre deveria ser pôsto em relêvo aos olhos das novas gerações.

A presença dos fenícios nos portos da Síria só se patenteou depois da vitória de Ramsés III, em Magadil (1193 a. C.), embora nada mais possamos històricamente adiantar, pois nem o seu verdadeiro nome semita, se o tinham, chegou até nós. Sabemos que, a princípio, se instalaram de Arvade a Tiro e que ocuparam, bem mais tarde, as cidades que se achavam em poder dos zecais: Sidom, Berito, Biblos e Arados.

Do povo zecal, também, nada de esclarecedor podemos acrescentar, porque ignoramos completamente a sua origem. Seria um desses antigos povos do Mediterrâneo? Seriam sículos? Seria uma pequena tribo semita, depois conquistada pelos chamados fenícios?

O fato é que piratearam livremente na região, durante um século, até que perderam os seus portos e desapareceram das páginas da História.

Faremos, entretanto, ligeira digressão, para mostrar como então ruiu o prestígio dos faraós perante êles e, naturalmente, diante dos outros povos da Síria. O episódio, além de curioso, tem alguns passos verdadeiramente cômicos e outros quase trágicos, revelando, além disto, que os homens daquela

época — e já se passaram trinta séculos — não eram melhores, nem piores que os de hoje...

O documento original, a que nos vamos referir e reproduzir, em parte, intitula-se **Viagem do sacerdote Unamonu à Síria** (3) — espécie de relatório, provavelmente escrito pelo próprio viajante.

Mais ou menos no ano de 1050 a. C., ou muito antes, no ano V do governo de Ramsés XI, êste padre de Amom-Ra empreendeu uma viagem especial para adquirir madeira de cedro, destinada à construção, para a sua divindade, de nôvo barco sagrado, que, como se sabe, permanecia no lago do templo.

O homem partiu de Tanis cheio de fé e devidamente abençoado, mas, ao que parece, com a velha mentalidade egípcia. Em Dor, foi gentilmente recebido pelo príncipe, que, todavia, quase não deu atenção à denúncia do roubo que lhe apresentou o sacerdote: um marinheiro, segundo afirmava, fugira de bordo, levando jarrões de ouro e de prata, e o delito acontecera no pôrto de Dor, embora por indivíduo estranho à cidade.

Depois de investigações pessoais e insistentes requerimentos de indenização, feitas sem proveito algum, partiu o egípcio, e já fora do pôrto, não teve dúvida em praticar, com a maior desfaçatez, um roubo de grande vulto, que qualificou de “atos de represália e recuperação”. Depois de surripiar uma quantidade de ouro e prata igual a que lhe haviam furtado, explicou aos marinheiros: “Confisco-a, embora vocês não sejam os que me roubaram. Mas devo assim fazer, porque o príncipe de Dor me aconselhou a recuperar o dinheiro da melhor maneira que me fôsse possível”.

Naturalmente, a acolhida que teve em Biblos foi muito pouco cordial... Durante dezenove dias o príncipe lhe deu ordens de afastar-se do pôrto, mas Unamonu, por economia, tratou de desembarcar e despedir o barco com a tripulação.

Por fim, “graças à inspiração de Amom”, mudou-se o ânimo do monarca, e o peregrino foi chamado à fortaleza, onde êle habitava. O colóquio começou, porém, de maneira tempestuosa: irritado, porque o grande sacerdote não trouxera cartas de recomendação, disse-lhe o chefe zecal que estava disposto a vender-lhe os cedros do Líbano, mas só por muito bom dinheiro, e concluiu afirmando que uma viagem daquelas, efetuada com tamanha escassez de recursos, mais parecia um passeio de vagabundo...

(3). — Viagem de Unamonu à Síria — S| Prampolini — Historia Universal de la Literatura, vol. II, Buenos Aires.

A resposta de Unamonu foi verdadeira obra-prima de oratória, toda ela baseada na onipotência de Amom, dono do mundo, inclusive das próprias árvores do Líbano.

O zecal, ao que parece, sentiu-se perturbado diante da sagrada estatueta do deus, que o padre lhe apresentara, mas, ainda assim, não esqueceu de dizer-lhe que os antigos faraós mandavam sempre ouro e prata, em troca da madeira...

O egípcio foi, dêsse modo, forçado a enviar a Tanis o escriba do príncipe com uma carta, solicitando ao reizinho Nsbindid ouro, prata e mercadorias para serem entregues, como parte do pagamento. A relação dos recursos enviados, se verdadeira, dá-nos a impressão de que êste príncipe de Biblos era um verdadeiro larápio, e dos mais perigosos... Mas, enfim, de posse dêsses bens, mandou 300 homens com 300 bois (!) para derubar e transportar os troncos dos cedros.

As dificuldades, entretanto, não terminaram aí. Temendo não receber o restante do pagamento, o príncipe, antes de ordenar o embarque da madeira, ainda uma vez procurou afligir Unamonu, mostrando-lhe a tumba onde repousavam as carcaças dos enviados de Ramsés IX, presos em Biblos durante dezesete anos e que haviam morrido no cativeiro.

O sacerdote, em tal apêto, tornou a exaltar o poder dos deuses egípcios, mas, para melhor garantir-se, tratou de explorar a vaidade do zecal, até que conseguiu a licença para partir. Só então pôde perceber, ao longe, naves de piratas de Dor, que se achavam à espreita.

Que fazer? Como passar? Lamenta-se e chora o padre de Amom, saudoso da pátria, sentado nas areias da praia...

O escriba, penalizado com a cena, foi narrar ao senhor a situação lastimável do infeliz... Mandou-lhe, então, o príncipe um odre de vinho, um carneiro assado, uma cantora de Tebas e a seguinte mensagem: "Come, bebe, não te tortures. Amanhã ouvirás tudo quanto tenho a dizer-te".

No dia seguinte, chamou os capitães dos barcos de Dor e com êles se pôs em acôrdo para deixarem o sacerdote sair do pôrto. Depois, poderiam abordá-lo quando quisessem...

Mas uma benedita tempestade lançou Unamonu às costas de Alasiia, na ilha de Chipre, onde foi recebido respeitosamente. E assim com êle se livrou a madeira.

\*

Os primitivos aqueanos, quando conquistaram a península que, por isto, se chama Helênia, ao entrarem em contacto com os povos do Mediterrâneo, tostados pelo sol e pelos ventos do

mar, deram a êsses homens a designação de **phoínikes**, adjetivo que significa **vermelho**.

E' curioso notar que esta característica sempre foi bem acentuada pelos pintores cretenses, pois, neste sentido, estabeleciam sensível diferença entre os rostos masculino e femininos. Tal cuidado leva-nos até a pensar que os egeanos do sexo forte se pintassem de vermelho, costume que não seria original, nem constituiria novidade no Mediterrâneo.

René Dussaud (4) faz, a propósito, um comentário muito judicioso: é que o vocábulo **phoinix**, sendo de origem grega, devia ser utilizado, a princípio, para qualificar as populações do mar Egeu, de modo geral, antes de designar especialmente os povos marítimos do litoral da Síria. Realmente, não podia ter, de início, a acepção que mais tarde ganhou, mesmo porque os chamados "fenícios", pròpriamente ditos, como já vimos, só se fixaram nesses portos da Síria muito mais tarde, sendo possível que, durante séculos, vivessem confundidos com os outros povos da região. Neste particular, nada se sabe, mesmo porque, então, só possuíam duas pequenas cidades.

Imagina-se que êsses semitas, quando emigraram para a Mesopotâmia, acabaram por se fixar nos portos e ilhas do gôlfo Pérsico, isto é, nas ilhas de **Tylos** e **Aradus**, hoje apelidadas Baharein, riquíssimas de petróleo.

Pouco depois das invasões cassitas no Sinear, talvez sob pressão muito forte, viram-se obrigados a fugir através do deserto, até o Mar Vermelho, e daí, mais tarde, conseguiram transferir-se para a Síria, onde ficaram incluídos, sem nenhum relevo, no grupo geral dos semitas do país de Amurru. Não sabemos, como já foi dito, se em sua própria língua possuíam um nome especial, nem sabemos se, no litoral do Mar Vermelho, permaneceu algum núcleo da mesma tribo.

Seus descendentes cartagineses diziam-se **cananeus**, para se distinguirem dos estrangeiros, mas a verdade é que, em hebraico, **kananeo** quer dizer **comerciante**.

Para Homero (5) os fenícios eram ainda os "homens de Sidom", os "sidônios", e êste apelativo ainda se usava, mesmo depois que a cidade de Tiro suplantou as outras pelo seu progresso e desenvolvimento.

Os egípcios, como se sabe, desde muito cêdo, mantiveram intercâmbio comercial com os cretenses, mas, segundo Moret e Davy, suas mercadorias e as de Creta (ou as de origem eu-

(4). — René Dussaud, *Les Civilisations Préhelléniques dans le Bassin de la Mer Egée*, Paris, 1914.

(5). — Homero, *Ouvres Completes*, Paris, 1913.

ropéia, como o âmbar, por exemplo) não iam nem vinham diretamente do vale do Nilo. Eram transportadas aos portos da Síria, que desempenharam papel de grande importância para os faraós, sobretudo por causa da madeira, que, no vale do Nilo, era pouca e não prestava.

O pôrto de Biblos, que os egípcios chamavam **Kben**, foi, particularmente, desde época remota, um centro de exportação importante, porque o antigo nome que os nilóticos usavam para designar os navios marítimos era **Kbent**, expressão que significava “navio de Kben”, ou de Biblos. A atividade dos portos, de Biblos, Tiro e Sidom, no dizer dos citados autores, data da época dos reis tinitas, isto é, do final do quarto milênio, sendo, então, aludidos nos monumentos egípcios e babilônios.

Mais ou menos no ano de 1479 a. C., Tutmés III, ao realizar suas brilhantes campanhas na Síria, tomou a sábia providência de ocupar êsses “portos da costa norte”, como dizia, equipando-os cuidadosamente para os serviços bélicos, isto é, transformando-os em bases para os navios egípcios e em centros de abastecimento para as tropas que operavam no interior. É curioso notar que, além dos seus próprios navios (**Sektiu**), Tutmés utilizava transportes cretenses (**Kefftu**) e biblitas (**Ke-bentiu**).

\*

Foi muito rápido o desenvolvimento dos fenícios. Sabemos que, depois da batalha de Magadil, surgiram para a História, assenhoreando-se dos portos de Arvade e Tiro. No espaço de um século, aproximadamente, adquiriram tal pujança, que foram capazes de derrotar os temíveis zecais, seus vizinhos, conquistando as cidades intermediárias: Sidom, Biblos, Berito e Arados.

Os semitas da Síria, que desde muito tempo trabalhavam os metais com grande perícia, apraveitaram-se da paz a princípio garantida pelo Egito, e depois pelo notável tratado de aliança egípcio-hitita, para enriquecerem pelo comércio internacional de seus produtos industriais e pelo aproveitamento agrícola das boas áreas, nessa época, livres dos riscos frequentes das campanhas militares, aniquiladoras dos esforços benéficos. O que haviam aprendido com os egípcios e com os babilônios, diz Moret, vai agora decuplicar, graças à sua extraordinária aptidão para o comércio e para a política pacífica.

Aquêle príncipe zecal, que tão rudemente recebera o sacerdote de Amom, como acima narramos, teve a sinceridade de

pôr em relêvo êsse papel sem par dos egípcios, mau grado a má vontade que demonstrava:

“Amom, disse êle, estende seu poder a todos os países... Mas possuí, em primeiro lugar, o país do Egito. Foi de lá que a civilização e a instrução chegaram até onde me encôntro...”.

Esta última frase sugere, de certo modo, que os zecais mantinham relações íntimas com o Egito desde épocas remotas. Como já tivemos oportunidade de dizer, seria arriscado afirmar qualquer coisa a propósito da origem dêsse povo, também chamado zacar. Mas, apesar da hipótese de Moret e Davy, parecem-nos mais provável que fôsem semitas do que sículos, maximé porque o sacerdote Unamonu dá ao príncipe de Biblos o significativo título de **Zekarbaal**.

Seja como fôr, depois da conquista fenícia a cidade de Sidom ganhou ainda maior prosperidade, só vindo a ser sobrepujada por Tiro, a partir do século X. As referências de Homero aos “sidônios” correspondem a essa época de esplendor, época em que os semitas, provavelmente, já haviam descoberto e explorado as minas da ilha de Taso e penetrado no Mar Negro, o Ponto Euxino dos gregos.

Heródoto (6) diz ter visto essas minas, descobertas pelos semitas, quando, acompanhando Taso, colonizaram a ilha que conservou o nome dêste “fenício”. Eram na própria ilha, entre os lugares chamados Enira e Cinira, em face da Samotrácia. Informa o historiador, em resumo, que as explorações foram feitas numa alta montanha, então completamente revolvida.

De passagem, julgamos conveniente fazer uma observação que, para evitar certos equívocos, tem bastante utilidade. Homero procurava muitas vêzes figurar em seus poemas o ambiente e as condições sociais de séculos anteriores à época em que vivia, mas, por lhe faltarem dados históricos satisfatórios, a simples imaginação nem sempre correspondia ao que desejava. Em alguns casos, isto se comprova fâcilmente, de maneira que, em outros, nem sempre devemos aceitar, sem maior cuidado, as conclusões dos historiadores, baseados nos poemas.

A supremacia dos semitas, no Mediterrâneo oriental, perdurou cêrca de três séculos, isto é, do ano de 1100 ao ano de 800 a. C. A reação dos jônios e eólios iniciou-se, provavelmente, bem cêdo, e, mesmo antes de Homero, os atritos no mar Egeu devem ter sido freqüentes.

---

(6). — Heródoto, *Histoires*, Paris, 1913.



O grande épico faz repetidas alusões à concorrência semita e êsses eram sempre apresentados como comerciantes desleais, vendedores de quinquilharia e raptos de mulheres, que negociavam ao longe, para os harens dos potentados. Tôdas as bugigangas que expunham diante de seus barcos só serviam para atrair ingênuas, que aprisionavam traiçoeiramente e vendiam em outras terras. Eram os semitas que espalhavam o terror nas rotas marítimas, caçando nos estreitos os navegantes desarmados:

Talvez Homero não exagerasse. O grande poeta, porém, aludia aos sidônios, isto é, aos terríveis piratas zecais, ou propriamente aos fenícios? Possivelmente aos zecais, mas hoje não se pode esclarecer esta questão. Ainda assim, a **Odisséia** não deixa de reconhecer a habilidade e a inteligência dos fenícios, “ilustres pela arte de navegar”.

Vem a ponto, todavia, indagar se Homero teria o direito de censurar tão acremente os semitas, quando, entre os próprios aqueanos, a pirataria, era considerada lícita, e até honrosa, se tinha em vista os estrangeiros. Neste último caso, ainda no tempo de Aristóteles, julgava-se um meio de existência legítima, tanto quanto a caça e a pesca, segundo comentário que se pode ler na **Política**.

\*

Os fenícios, a princípio, procuraram atuar nas proximidades de seus portos, freqüentando as ilhas de Creta, Cítera, Chipre, etc.

Chipre, que na Antigüidade possuía florestas e era muito fértil, tinha também boas jazidas de ouro e prata. As minas de cobre eram tão abundantes que, segundo os etimologistas, acabaram por dar ao metal o nome da própria ilha, através da língua grega. O cobre, porém, só se tornou conhecido na ilha ao iniciar-se o quarto milênio, por conseguinte muito mais tarde do que no Egito.

Foram naturalmente estas condições sedutoras que atraíram os fenícios. Os semitas atacaram-na desde o século X, para obter tributos e acabaram por se instalar, mais tarde, na costa oriental. Ao que parece, aí fundaram as suas primeiras colônias: Citium e Amathus. Nesta época, porém, Chipre já se encontrava parcialmente ocupada pelos aqueanos, e desde então ficou dividida entre os dois povos, cujas civilizações, muito diversas, entraram em contacto mais ou menos íntimo.

Séculos mais tarde, o domínio assírio e sobretudo o domínio persa favoreceram bastante a influência fenícia na ilha, mas,

ainda assim, os aqueanos, embora isolados, conseguiram manter as suas posições, onde, aliás, haviam evoluído independentemente.

Já fizemos, acima, rápida alusão às explorações dos fenícios na ilha de Taso e suas prováveis viagens no mar Negro. Em virtude, porém, das perseguições dos jônios e eólios, verdadeiros senhores do mar Egeu, tiveram certamente de afastar-se dessas regiões, dirigindo, então, suas atividades para o norte da África, onde, sem concorrentes, encontraram ótimo campo para o desenvolvimento rápido das transações comerciais.

Por isto mesmo, embora tenham sido os criadores do primeiro alfabeto — a mais fecunda invenção do gênio humano — nada divulgavam a propósito de suas viagens e admiráveis descobertas geográficas: é que sabiam e sentiam até onde podiam atingir a ambição e a rudeza de seus adversários.

Heródoto narra o episódio daqueles fenícios, que preferiram lançar seu navio a uma praia a revelar aos navegadores jônios, que os seguiam, a rota de suas colônias. Mas êste fato, a nosso ver, não tem muita lógica, porque, em realidade, na maior parte das vezes, os fenícios se limitavam a viagens costeiras, e por isto mesmo muito cedo ultrapassaram as colunas de Hércules, seguindo o norte da África. Não vemos, entretanto, motivo para censurar os fenícios por êsse cuidado, porque, em última análise, os gregos queriam espioná-los, para depois se aproveitarem do esforço alheio.

\*

A extremidade mais avançada do continente europeu, além das **Colunas**, é constituída pelo promontório dito **Sacrum** (a **Ponta de Sagres**), que recebeu êste qualificativo em virtude de aí existir um templo, construído pelos primitivos viajantes fenícios.

Êste templo, como se depreende, não fôra dedicado ao Hércules, filho de Alcmena, mas a Melcarte. Os jônios consideravam-no o “Hércules” de Tiro, e assim ficou sendo para a tradição.

Carlos Romey (7), procurou esclarecer êste pormenor, embora o fizesse confusamente:

“Sabe-se que os fenícios, afirma êle, levavam o nome e o cultó de Hércules aos lugares mais afastados, onde

---

(7). — Carlos Romey, *História de España*, Madri.

se estabelecessem; essa era a característica de tal povo. A julgar pelo nome Melcarte (aliás Melicerte) que tinha em língua fenícia, devia ter sido algum poderoso rei de Sidom ou da primeira Tiro, e talvez o próprio fundador desta cidade. Representavam-no, às vészes, armado de flechas e coberto com uma pele de leão, emblema da força; outras vészes, com os atributos de piloto, a governar uma nave. Talvez tenha sido, com efeito, o primeiro rei dos tírios, povo que aspirava ao domínio dos mares, então inexplorados, e ao poder que o comércio e a navegação proporcionam, o **rei da cidade** por excelência; talvez tenha êle realizado a longínqua viagem e a descoberta, que lhe atribuíram, dos cabos e do estreito que conservaram o seu nome”.

Em realidade o herói ou deus fenício era Melcarte, que nada tinha de comum com o Hércules ou Héracles dórico.

Em sua época, aliás, Heródoto já fizera pesquisas históricas sôbre as origens do “Hércules” fenício, e estabelecera perfeita distinção entre êle e o herói grego.

\*

Os historiadores, de modo geral, referem-se à Fenícia como se fôra uma nação politicamente organizada sob a autoridade de um só monarca, mas o que parece exato, pelo contrário, é que se tratava de uma confederação de cidades, cada qual com o seu reizinho, atuando talvez independentemente, embora sob a hegemonia de Tiro, que era a mais poderosa. Possivelmente, cada uma dessas cidades fundava as suas colônias ou feitorias, como faziam as cidades gregas, na mesma época. Parece-nos que a tendência inicial das tribos politeistas, continuando a dos povos fetichistas, era essa de conservar pequenas pátrias. No próprio Egito, que a princípio fôra constituído por dois reinos, formados pela união de muitos clãs, repetiram-se com bastante freqüência os períodos de desmembramento, com lutas fratricidas.

A diversidade de origens explica, talvez, a rivalidade que, mais tarde, se pôde observar entre as colônias fenícias do norte da África.

\*

Na Líbia, os fenícios encontraram campo propício para o desenvolvimento rápido de suas atividades, e realmente não perderam tempo.

Não eram guerreiros, nem tinham ambição de conquistas territoriais: mostravam-se, pelo contrário, bons políticos e ótimos diplomatas, sendo o seu principal cuidado exatamente a manutenção da paz, para que seus negócios não fôsem perturbados e prejudicados. E, de fato, progrediram admiravelmente.

Segundo a tradição, somente no litoral africano fundaram oitocentas cidades, mas neste cômputo deve haver grande exagero, mesmo porque muitas vêzes essas fundações eram simples feitorias. Essas feitorias consistiam numa boa fortaleza, ocupada quase sempre por tropas mercenárias e, para mais fácil defesa, erguida numa ilha costeira, ou na extremidade de uma península.

A par da fortaleza, criavam o mercado, onde faziam suas transações com os habitantes da região. Esse sistema de feitorias, sem penetração territorial, parece já fôra usado em muitos casos pelos minoanos, nos tempos da sua talassocracia.

Os fenícios, todavia, fundaram também verdadeiras cidades, e algumas ainda hoje existem nos mesmos locais e com os nomes primitivos.

Em Chipre e em boa parte das atuais Tunísia e Argélia, gruparam eles tantas colônias importantes, que ocupavam um conjunto de territórios comparáveis ao da Magna Grécia. De resto, Cartago, que estava localizada onde hoje se ergue a cidade de Tunes, em sua época de esplendor foi uma das maiores, senão a maior cidade do mundo antigo, tendo, talvez, cêrca de um milhão de habitantes. Seu verdadeiro nome era **Kart Hadatsch Tzor**, isto é, **Nova cidade de Tzor**, ou **Tyr**, mas por fim prevaleceu entre os historiadores a corruptela **Cartago (Kart' datsch)**, divulgada pelos romanos (8).

Parece-nos desnecessário recordar aqui a lenda de sua fundação, bastante conhecida, embora de veracidade mais do que duvidosa, mesmo porque Cartago deve ter sido uma das colônias africanas mais antigas dos fenícios de Tiro. Parece-nos, também, mais útil, comprovar o esforço dêsses semitas, verdadeiramente dignos da maior admiração, apresentando abaixo a relação de suas feitorias e colônias, na plenitude de seu desenvolvimento, isto é, antes do início das lutas com os romanos. E' de ver que, em tais circunstâncias, alguns dentre essas colônias haviam sido fundadas pelos cartagineses, mas isto importa muito pouco, porquanto o conjunto é trabalho do mesmo povo.

---

(8). — Joachim Lelewel, *Pythéas de Marseille*, Bruxelas, 1836.

Começaremos pela África, caminhando do oriente para o ocidente. Eram as seguintes, se conservarmos a grafia original de seus nomes:

**Charax — Macomades — Macomaca — Leptis — Gaphara — Oea — Sabratha — Zonchis — Zita — Gight — Tacapas — Macomades II — Thenae — Ruspe — Uzilla — Thapsus — Leptis II — Hadrumetum — Neapolis — Aspis — Carthago — Utica — Hippo Acra — Thabraca — Bulla Regia — Sicca — Hippo Regius — Thapsus II — Saldae — Rusazus — Rusguniae — Icosium — Iol — Cartennas — Portus Magnus — Siga — Rusaddir — Tamuda.**

No atual estreito de Gibraltar estava situada **Tingi**. Ainda no litoral africano, mas já sobre o oceano Atlântico, existiam sete: **Zili — Lixus — Thymiaterion — Sala — Rusibis — Rusaddir II — Agadir**, sendo esta última já na costa sul de Marrocos (9).

Cuidamos que essas povoações da costa ocidental da África nunca passaram de simples feitorias e provavelmente fundadas pelos cartagineses, em época mais recente.

Heródoto faz referência ao primitivo processo de trocas que utilizavam, naturalmente antes de fundar as feitorias, num verdadeiro estudo das possibilidades comerciais da região:

“Os cartagineses dizem ainda o seguinte: há em lugar da Líbia, além das Colunas de Hércules, homens com os quais eles traficam; desembarcam sua mercadoria, arriam-na na praia, voltam para o navio e fazem uma grande fumaceira. Os habitantes, vendo a fumaça, dirigem-se para junto do mar e, como preço da mercadoria, depositam ouro; retiram-se, depois, para longe. Os cartagineses voltam, examinam, e se o ouro lhes parece equivalente às mercadorias, carregam-no e retiram-se. Se não fôr suficiente, voltam para o navio e aguardam. Os naturais aproximam-se, então, e depositam mais ouro, até que os tenham satisfeitos. Jamais, duma ou doutra parte, se comete injustiça: uns não tocam no ouro enquanto não corresponda ao valor das mercadorias; os outros não tocam na carga, enquanto o ouro não fôr retirado”.

Esses negócios eram tão justos e interessantes, que os cartagineses resolveram fundar as feitorias para mantê-los permanentemente... Tendo em vista, aliás, o espírito de iniciativa desses exímios negociantes, podemos crer que, partindo

---

(9). — Léon Homo, *L'Italie Primitive e les débuts de l'Impérialisme Romain*, Paris, 1938.

de Agadir, hajam atingido regiões bem ao sul, no litoral africano, em busca de novas transações. Mas, deixemos de parte os cartagineses.

\*

Heródoto fala-nos, também, de uma viagem em tórno do continente líbico, que os fenícios teriam realizado por ordem de Neco II (609-593), rei do Egito, a quem pertenciam os navios utilizados.

“Os fenícios, diz o historiador, partiram do mar Vermelho e navegaram para o sul. Quando veio o outono, semearam as terras da Líbia onde se encontravam, porque jamais a perdiam de vista. Aguardaram a colheita e tornaram a embarcar, depois de ter acondicionado o seu trigo. Decorreram dois anos; ao terceiro, passaram pelas colunas de Hércules e chegaram ao Egito”.

Devemos acreditar nessa viagem?

A. Moret julga que o périplo bem pode ter sido efetuado, embora nenhum proveito prático resultasse de tal exploração: contudo, não se criaram fábulas em tórno do assunto, pois Heródoto, parece ter conhecido algum relatório sôbre a viagem, enunciando uma proposição rigorosamente exata, quanto ao continente africano:

“a Líbia é evidentemente cercada de água, salvo o espaço que forma a fronteira do lado da Ásia”.

O grande historiador repele, como falso, o fato dos viajantes terem afirmado que, a partir de certo ponto, o sol passara a nascer à direita: deixou-se guiar, neste caso, pelos preconceitos geográficos de sua época, pois a observação dos navegantes é exatamente uma prova da realidade da viagem, uma vez que o fenômeno se notaria, sem dúvida alguma, ao dobrarem o “cabo da Boa Esperança”.

\*

Na Europa, os fenícios fundaram diversas feitorias e colônias no litoral do Mediterrâneo, mas as que realmente se desenvolveram sob sua administração foram **Abdera**, **Sexi** e **Mallaca**. No estreito de Gibraltar tinham **Carteia**, e no litoral atlântico **Gádes**, ou **Gádir**.

Para ter idéia da rapidez com que progrediram as atividades comerciais desses valorosos semitas, basta considerar a

época longínqua em que foram criadas essas bases entre os íberos, pois, segundo Estrabão, datavam de tempos anteriores a Homero. De resto, segundo afirmam entendidos, o próprio nome **Spania**, ou **Span**, parece ser de origem fenícia, significando, talvez — terra afastada, ou mal conhecida.

“Quando os cartagineses entraram na Península, escreve Alexandre Herculano (10) não só as duas raças mais antigas, os íberos e os celtas, se achavam confundidas nos territórios centrais, mas também as tribos das orlas do mar e ainda os celtas e os celtiberos do sertão se tinham misturado com os fenícios e gregos, principalmente com os primeiros, cuja influência na população foi tamanha que ficou predominando no país o nome que elles lhe puseram”.

Herculano cita Bochart, o primeiro erudito que indicou a origem fenícia de diversas designações geográficas da península, como, por exemplo, Tejo (**Tagus**), de **dagi** (piscoso); **Lusitânia**, de **luz** (amêndoas) ou, talvez, de **luzi** (cheio de amendoeiras); o rio **Ana**, de **ana** (ovelha); **Olisippo**, de **alisubbo** (baía amena).

Parece, pois, que a própria Lisboa se originou de uma feitoria fenícia.

\*

Nas ilhas do Mediterrâneo, havia várias outras colônias fenícias, quase tôdas, entretanto, fundadas pelos cartagineses, mormente na Sicília. Não cogitaremos delas.

\*

Interessa-nos agora esclarecer um aspecto do desenvolvimento das atividades fenícias, nem sempre bem apreciadas.

Onde buscariam êsses navegantes mercadorias para abastecer continuamente as suas feitorias e colônias, em número tão elevado, tendo ainda possibilidades de manter transações, como de fato mantinham, com o Egito, com a Grécia, com a Etrúria, etc.? Seriam, ainda, vendedores de quinquilharias e bugangas, como divulgou Homero?

Sabendo-se, embora, que possuíam indústrias próprias, onde talvez fabricavam tecidos, armas e utensílios metálicos, pois dispunham do cobre de Chipre, e podiam obter estanho e prata

---

(10). — Alexandre Herculano, *História de Portugal*, vol. I, Lisboa, 1914.

na Espanha e ouro na África, ainda assim não seria fácil conseguirem produção capaz de atender a tôdas as necessidades.

Um fato histórico, todavia, explica muita coisa. Ao longo do monte Líbano e nos territórios que ficavam mais para o interior, os arameus, parentes muito próximos dos fenícios (se é que os fenícios não eram os arameus do litoral) concomitantemente com os ativos colonizadores, fundaram uma rica e forte federação.

Damasco, Cadeche e Hamate eram, como dizem Moret e Davy, as verdadeiras portas do deserto e abrigavam as grandes caravanas, como Tiro, Sidom e os outros portos fenícios abrigavam os barcos do Mediterrâneo. Esses pequeninos estados foram suficientemente aguerridos para enfrentar, durante três séculos, as forças assírias.

Senhores das grandes vias terrestres, entre a Ásia e a África, e mesmo entre a Ásia e a Jônia, impuseram-se como intermediários privilegiados e foram, sem dúvida, grandes fornecedores dos fenícios. As imensas riquezas do Oriente, os cereais, os vinhos, as especiarias, os tecidos de sêda, de lã e de linho, as pedras preciosas e semi-preciosas, os vasos de ouro e de prata, os utensílios de cobre e de bronze chegavam das Índias e até da China longínqua, e nos barcos fenícios iam ter às mãos dos bárbaros, sempre ávidos de jóias e adornos de ostentação.

Para seu vultoso comércio, os arameus adotaram um sistema de escrita, derivado da escrita fenícia. Este alfabeto propagou-se na Ásia e acabou por conquistar todo o Oriente, substituindo, aos poucos, as escritas hieroglíficas e cuneiformes. Foi esta, sem dúvida, grande vitória da verdadeira civilização, ainda mal compreendida pela maioria dos historiadores, que continua a exaltar guerreiros conquistadores, cuja fama surge, as mais vêzes, do sangue das vítimas indefesas.

\*

Durante muito tempo, até o princípio do corrente século, ignorando-se o papel fundamental da civilização cretense, muitos acontecimentos históricos se atribuíam aos fenícios, sem base de realidade. Essa época passou, entretanto, e o que agora se nota em muitos historiôgrafos modernos é uma inexplicável reação em sentido contrário. Instigados, talvez, até por novos e lamentáveis preconceitos raciais, apresentam os fenícios como simples mercadores ávidos de grandes lucros, mas sem qualquer valor intelectual e sem originalidade, meros divulgadores do alfabeto, e ainda assim por conveniências comerciais.



A. Jardé (11), por exemplo, é dos que afirmam:

“Nada prova que o alfabeto grego deriva do alfabeto fenício; ambos podem ter um protótipo comum”.

Gustavo Glotz (12) era de opinião semelhante. No caso do alfabeto, como no resto, escrevia êle, os fenícios não mostraram ter o dom da invenção.

A nosso ver, não é possível aceitar êste método crítico superficial e injusto. Segundo o comentário de Heródoto, a princípio os gregos fizeram uso dos caracteres fenícios, mas depois, com o tempo, modificaram o som e a forma de alguns dêles. A seu ver, foram os jônios os primeiros a empregá-los. Êsses helenos diziam que tais caracteres se denominavam **letras fenícias**, pois de fato tinham essa origem.

O admirável historiador e filósofo informou ter visto pessoalmente, em Tebas, gravadas em tripés, no templo de Apolo Ismênio, **letras cadmianas** quase inteiramente semelhantes às usadas pelos jônios. Heródoto, realmente, leu e reproduziu as inscrições, sem referir qualquer dificuldade.

Já fizemos neste trabalho alusões aos remotos contactos dos jônios e eólios com os semitas do litoral da Síria, de maneira que podemos deixar de parte a fábula cadmiana e aceitar a revelação de Heródoto. Há motivos para tanto, como passaremos a mostrar.

Os gregos deram à antiga escrita egípcia o nome de **letras sagradas (grámmata hierà)**, naturalmente porque a viram utilizada nos tempos, nos túmulos e nos documentos religiosos. Clemente de Alexandria, mais minucioso, preferiu denominá-los **grámmata hieroglyphiká**, isto é, **letras sagradas esculpidas**. Mas a verdade é que os caracteres usados de início pelos egípcios não eram pròpriamente **letras**, e o processo, em si, foi empregado por muitos povos em comêço de evolução.

O fato não é difícil de compreender. O homem primitivo ou fracamente evoluído, ignorando completamente o Mundo, dedicou-se, antes do mais, a observar e apreciar os sêres e objetos que o cercavam. Limitando-se quase a essas contemplações superficiais dos corpos, sempre sintéticas, suas concepções eram necessariamente concretas e, por conseguinte, também concretas eram as expressões, como ainda em nossos dias facilmente se pode verificar entre os povos atrasados.

---

(11). — A. Jardé, *La Formation du Peuple Grec*, Paris, 1933.

(12). — Gustave Glotz, *La Civilisation Egéenne*, Paris, 1937.

Assim sendo, os processos de escrita que, então, podiam criar, dependeriam dessas condições, vale dizer, a escrita seria realizada forçosamente com o uso de imagens que representassem coisas concretas, dispostas muitas vezes de accôrdo com regras de interpretação que só os iniciados conheciam. De qualquer maneira, porém, era uma escrita essencialmente concreta.

Com o correr do tempo, passou o homem a observar, além dos sêres e objetos, os fenômenos que êles apresentavam, sendo levado, para explicá-los, a formular concepções gerais e, por isto mesmo, abstratas, a princípio muito rudimentares e confusas, mas ainda assim capazes, progressivamente, de provocar outras, cada vez mais amplas e mais precisas.

Surgiu, dêsse modo, a necessidade de expressar tais concepções, sendo, para isto, criados têrmos cada vez mais abstratos, para a linguagem corrente. Esta fase, aliás, bastante tardia, refletiu-se naturalmente no processo de expressão gráfica dos vocábulos.

Resumidamente, podemos dizer que, de início, houve a simplificação, ou esquematização das imagens; depois, algumas dessas imagens esquematizadas passaram a representar sílabas com sensível simplificação da escrita. A influência da abstração foi progressiva, mas excessivamente morosa. Por fim, os fenícios conseguiram selecionar um grupo de sinais simples, com valores fonéticos determinados, constituindo o **alfabeto**.

A escrita hieroglífica dos monumentos egípcios, como demonstrou Champollion, era muito complexa, mas tendia a simplificar-se. Nela havia, ao mesmo tempo, elementos figurativos, simbólicos e fonéticos no mesmo texto, numa frase, ou até numa só palavra. Os elementos fonéticos às vezes eram silábicos e mais raramente literais, como o **S**, por exemplo.

Essa escrita era, porém, a dos monumentos, que por si provam claramente o grau de evolução do povo egípcio, na época. Mas a escrita hieroglífica inicial deve ter sido puramente figurativa, para tornar-se mais tarde figurativa e simbólica. Na época greco-romana, tornou-se, pelo menos em certos documentos, inteiramente alfabética.

Fatos idênticos podem ser encontrados entre vários outros povos. Os cretenses, por exemplo, no dizer de Gustavo Glotz, começaram por uma ideografia grosseira que, aos poucos, se transformou em dois sistemas de hieróglifos figurativos, simbólicos ou fonéticos. Dêsses hieróglifos destacaram-se duas escritas lineares, nas quais, ao que parece, há caracteres que

valem por uma palavra inteira, outras vêzes por sílabas, ou por simples letras.

Os povos da Síria, mormente os do litoral, estiveram, desde época remota, como sabemos, em freqüentes contactos com os egípcios e com os cretenses. Por isto mesmo, desde muito cedo surgiram entre êles sistemas de escrita silábica, que apresentavam sensível influência da hieroglífica cretense. Na época histórica, o alfabeto lício e o alfabeto cário possuíam caracteres muito antigos que, segundo Evans, tinham visível semelhança com todos os sistemas de escrita usados em Creta.

Foi também sob a influência egípcia e cretense que surgiu o alfabeto fenício, e foram os próprios fenícios que, genialmente, o aperfeiçoaram e divulgaram, prestando assim à cultura humana o mais assinalado de todos os serviços.

Gustavo Glotz, em nota aditada à sua **Civilização Egéia** em fevereiro de 1924, apresentou os interessantes esclarecimentos, que passamos a traduzir:

“As escavações francesas, na Síria, acabam igualmente de fornecer resultados de grande importância. Graças a elas, percebemos que as origens do alfabeto fenício são muito mais antigas do que se podia julgar, há poucas semanas. Pensávamos que os elementos egeanos, aproveitados em sua formação, haviam sido levados à Palestina pelos pelesatis e zacaras, por conseguinte, à volta do ano de 1193, e que se houvessem espalhado, em seguida, para o norte. Salomão Reinach, entretanto, já havia notado certos sinais gravados, anteriormente a esta data, em vasos de Laquiche (Canaã) e os tinha identificado com sinais egeanos; mas não se dera ao fato a atenção merecida.

“Ora, Pierre Montel acaba de descobrir, em Biblos, um sarcófago contemporâneo de Ramsés II (1300-1234), cuja cobertura apresenta, em caracteres fenícios, o epitáfio do rei Airam. Assim sendo, o alfabeto fenício estava completamente formado desde o século XIII. Mas à verdade, apesar disto, é que êle resulta da combinação de sinais egeanos com sinais egípcios. Devemos, então, admitir que o advento dos caracteres egeanos à Síria está em relação, se não com a influência exercida sobre essas regiões pelos kefti, desde a época de Tutmés III, pelo menos com subsídios micenianos, e talvez, mais especialmente, com a presença dos danaúnas nas cercanias de Biblos, desde o início do século XIV”.

Parecem, destarte, verdadeiras as tradições registadas por Heródoto, e fica fora de dúvida que o alfabeto foi realmente criado pelos fenícios.

Mas há outros fatos que comprovam a atividade intelectual dos fenícios e que muitos historiadores modernos desprezam nas suas apreciações quase sempre injustas.

Faremos, em primeiro lugar, referência às técnicas agrícolas. Quando os romanos conseguiram conquistar Cartago, depois das repetidas indignidades que a História registou, os soldados saqueram também a biblioteca, e muitas obras foram enviadas para Roma. Cícero referindo-se, entre elas, a um tratado de agricultura, que teve oportunidade de examinar, considerou-o de extraordinário valor, verdadeira obra prima.

Nas indústrias, também criaram técnicas valiosas, embora um dos nossos historiógrafos, haja dito, em sua **História da Civilização**, que êles não se distinguiram em coisa alguma, nem nas artes, nem nas ciências, sendo os seus produtos cópias dos modelos estrangeiros. O vidro, por exemplo, não foi invenção fenícia, pois os egípcios já o preparavam: os fenícios apenas conseguiram fabricar o vidro transparente e de várias côres... A inépcia do autor torna-se, pois, evidente.

A superioridade dos fenícios na arte de navegar é fato incontestável e os próprios gregos a reconheciam. Guiavam-se à noite pela estrêla polar, a que os helenos denominaram a **estrêla fenícia**, e basta êste pormenor para demonstrar o valor de suas observações astronômicas, em confrônto com a dos outros povos da mesma época.

Zenom de Citium criou uma célebre escola filosófica no coração da Grécia: a escola estóica. Ao morrer, por sua extraordinária elevação moral, recebeu dos atenienses homenagens excepcionais, embora fôsse um fenício de Chipre...

Há também na história dos fenícios um episódio significativo, que não deve ser olvidado. Cambises, senhor do Egito, resolveu conquistar a rica cidade de Cartago. Ordenou que os navios se preparassem para partir. Os fenícios rejeitaram a ordem, dizendo-se ligados pelos maiores juramentos e que não cometeriam a impiedade de atacar seus próprios filhos. Exemplos morais dêste vulto, não foram muito freqüentes na Antigüidade, principalmente entre os gregos...

\*

Fizemos anteriormente rápidos comentários a propósito do notável papel dos arameus, intimamente associados às atividades industriais e comerciais dos fenícios. Passaremos, agora, a estudar em resumo os fatos principais que se verificaram na Asia Menor, até o advento de Nabucodorozor II, para pôr em

evidência as causas da decadência e do aniquilamento dêsses pequenos povos, pioneiros espontâneos, se assim podemos dizer, do regime de civilização pacífico e industrial, a que todos aspiramos.

Ao sul dos fenícios e dos arameus, como já referimos, fixaram-se os filisteus, que ocuparam as cidades de Gaza e Ascalom, portos de mar, e no interior Gato, Achdode e Eglom.

Êstes indo-europeus começaram desde muito cêdo a provocar atritos com os israelitas, cujas tribos, nos tempos do faraó Merneftá (1234-1224), já haviam constituído um pequeno povo. Tais atritos tomaram, aos poucos, o caráter de lutas crônicas, transformando-se os emigrados da Europa num verdadeiro dardo cravado nas costas do "Povo de Deus". Por fim, mais ou menos no ano de 1100, os filisteus avançaram até o rio Jordão, apoderando-se da Arca da Aliança e reduzindo os israelitas à escravidão.

Um século mais tarde, Saul conseguiu urdir a união secreta dos adoradores de Yavé, que então se revoltaram, simultaneamente, contra o domínio filisteu. Morrendo Saul em combate, coube a Daví libertar os israelitas e hebreus, sendo por isto sagrado chefe supremo do nôvo reino, que teve por capital Jerusalém. Durante certo tempo, tôda a Palestina submeteu-se ao grande Senhor; os próprios arameus tornaram-se tributários do nôvo reino. Os fenícios viram-se forçados a fazer aliança com Daví e depois com Salomão. Por volta do ano de 970, êste famoso soberano dominava todo o ramo ocidental da Síria, e o próprio faraó, para firmar a paz e obter a sua simpatia, deu-lhe a filha em casamento. Êste estado de coisas, porém, não iria durar muitos anos...

Meio século mais tarde, o Egitó, embora dividido e subdividido, possuía ainda recursos militares suficientes para pôr côbro às veleidades dos israelitas. Bastava-lhe o aparecimento de um chefe organizador, de pulso forte. Êste chefe surgiu; foi Chechonque I, fundador da XXII dinastia, em Bubaste. Mais ou menos em 925, tomou Jerusalém de assalto, arruinando a hegemonia de Israel. Mas a grande desgraça, como veremos, ainda estava por vir.

No ano de 877, Achur-natsir-apla II, rei dos assírios, depois de numerosas vitórias, dirigiu-se para Carchemiche. Sangar, rei dos hititas, temendo o seu poder e a sua crueldade, correu a prestar-lhe obediência e a oferecer-lhe tributos. Ampliando suas conquistas, Achur atingiu o Mediterrâneo, ao qual ofereceu sacrifícios, lavando suas armas, de acôrdo com

o antigo rito súmero-acadiano. Depois, exigiu tributos de Tiro, Sidom, Biblos, Mahalata, Maitsi, Amurru, Arvade, detendo-se, então, cautelosamente, para não entrar em conflito com o reino de Damasco.

Seu filho, Salmanasar III (859-824), logo que subiu ao trono, dirigiu-se à Síria para exigir tributos de Tiro e Sidom, facto que deixa perceber serem extraordinárias as riquezas das cidades fenícias. Tudo nos leva a acreditar que, durante anos, esta situação foi assim mantida pacificamente: os fenícios pagando pesados tributos para evitar a hostilidade dos assírios, mas podendo desenvolver, sem perturbações, suas atividades comerciais com as numerosas colônias.

Por volta do ano de 700, Senacheribe, filho de Sargão, ocupou-se, durante muitos meses em destruir os arameus do baixo Eufrates, entre os quais já se haviam infiltrado várias tribos árabes. Voltou-se, depois, contra os arameus da Mesopotâmia, deportando mais de duzentos mil.

“No ocidente, escreve L. Delaporte (13), o rei de Tiro não pôde admitir a sujeição à Assíria dos príncipes cipriotas, outrora seus tributários e clientes de sua cidade. Enviou tropas para retomar Citium, a cidade em que Sargão erigira a sua stela. Em 701, Senacheribe preparou um forte exército e avançou contra Tiro. Sidom, Acre e outras cidades da costa não tentaram defender-se e se entregaram aos assírios. O rei de Tiro fugiu para Chipre, onde permaneceu até morrer; os tirienses, porém, organizaram a defesa da cidade, que assim não foi violada. A Fenícia, organizada em um só reino, ficou sujeita a tributo”.

Durante muitos anos, os reis assírios insistiram em ataques vigorosos, que, pouco a pouco, ampliaram as suas conquistas, até que, em 671, Asaradom ocupou o Egito, e Assurbanipal, em 668, saqueou a cidade de Tebas.

“Este império, como resumem Moret e Davy, tinha por base a força e o terror; o extermínio dos prisioneiros, a destruição das cidades tomadas de assalto, a deportação em massa das populações constituíram os seus métodos de domínio”.

Era a mentalidade característica dos bárbaros: conquistar e destruir, sem inteligência e sem moral.

(13). — L. Delaporte, *La Mésopotamie — Les Civilisations Babylonienne et Assyrienne*, Paris, 1923.

Por isto mesmo, embora mais tarde os assírios houvessem organizado a administração dos países conquistados de acôrdo com os processos usados pelos antigos babilônios, o seu domínio sempre foi execrado pelos povos do Oriente Próximo, em virtude dos crimes e das terríveis crueldades que haviam cometido anteriormente.

Em 650, os egípcios livraram-se da triste sujeição em que haviam caído, e os assírios, com os recursos militares dispersos em área imensa, viram seu próprio império conquistado e para sempre perdido.

Fortes tribos de semitas nômadez ocuparam Babilônia. Eram os caldeus, que fugiam, talvez, à pressão de outros povos, ou buscavam melhor clima e terras mais férteis. A cidade conquistada, daí por diante, passou a chamar-se Caldéia.

Pouco mais tarde, aliados aos citas e aos medo-persas, os caldeus aniquilaram os assírios. Nínive foi assaltada em 606 e inteiramente destruída, “aos gritos de alegria dos escravos, que se iam libertando”.

\*

Durante o longo período de dominação assíria, os fenícios, embora pagando pesados tributos, parece que não interromperam suas atividades comerciais com as colônias. Já o mesmo não aconteceu, como veremos, com o advento dos caldeus.

Os egípcios, aproveitando-se da rápida decadência do poder militar dos assírios, desde 608 haviam ocupado a Palestina e a Síria, e Necáo dilatara essa ocupação até às margens do Eufrates. Tal iniciativa ia ter, porém, graves conseqüências, sobretudo porque o Egito não se achava, então, preparado para sustentá-la.

A Babilônia que, durante séculos, lutara contra Assur para defender o seu comércio, pergunta Delaporte, poderia agora, quando se sentia de novo fortalecida, admitir, tácitamente, a intromissão dos faraós no litoral da Síria?

Nabucodrozor foi enviado para expulsá-los e, em 604, conseguiu derrotá-los em Carchemiche, perseguindo-os vitoriosamente. Em Pelusa, sendo informado da morte de seu pai, o rei Nabopalassar, fundador da dinastia “neo-babilônica”, viu-se forçado a voltar à capital do novo império, para assumir o grande pôsto hereditário.

Desde essa época, a maior parte da Síria aceitara a autoridade da Caldéia. Em breve, entretanto, o reino de Judá interrompeu o pagamento dos tributos e revoltou-se contra Nabucodorozor II. Jerusalém foi conquistada em 594 e parte de seus habitantes escravizados e deportados.

O Egito procurou reagir. Judá, Tiro e Sidom a êle se aliam para enfrentar o perigo. Em 587, Nabucodorozor II instalou-se em Ribla, à margem do Oronte, e daí enviou tropas para novamente sitiarem Jerusalém. No ano seguinte, a cidade rendeu-se outra vez, embora Apries haja tentado socorrê-la. Desta feita, o resto da população foi escravizada e deportada.

Os fenícios de Tiro resistiram herõicamente durante treze anos, isto é, de 585 a 573, segundo informação de Josefo. A antiga cidade foi arrasada e os fenícios se refugiaram, parcialmente, numa ilha vizinha, hoje ligada ao continente, onde ergueram nova povoação com o mesmo nome: **Tzor**. Grande parte dêles, dispondo de boas embarcações, seguiu para as colônias do norte da Líbia, preferindo talvez Cartago, a maior e a mais forte.

Mas a cidade de Tiro, construída na ilha, teve de aceitar o jugo de Nabucodorozor II, e assim o rei de Babilônia passou a dominar “teòricamente” todo o império colonial fenício.

Na realidade, a partir desse época, a hegemonia do mundo fenício foi assumida por Cartago, e as cidades do litoral da Síria nunca mais recuperaram o antigo prestígio.

**JOÃO FRANCISCO DE SOUZA**